

A ILLUSTRAÇÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

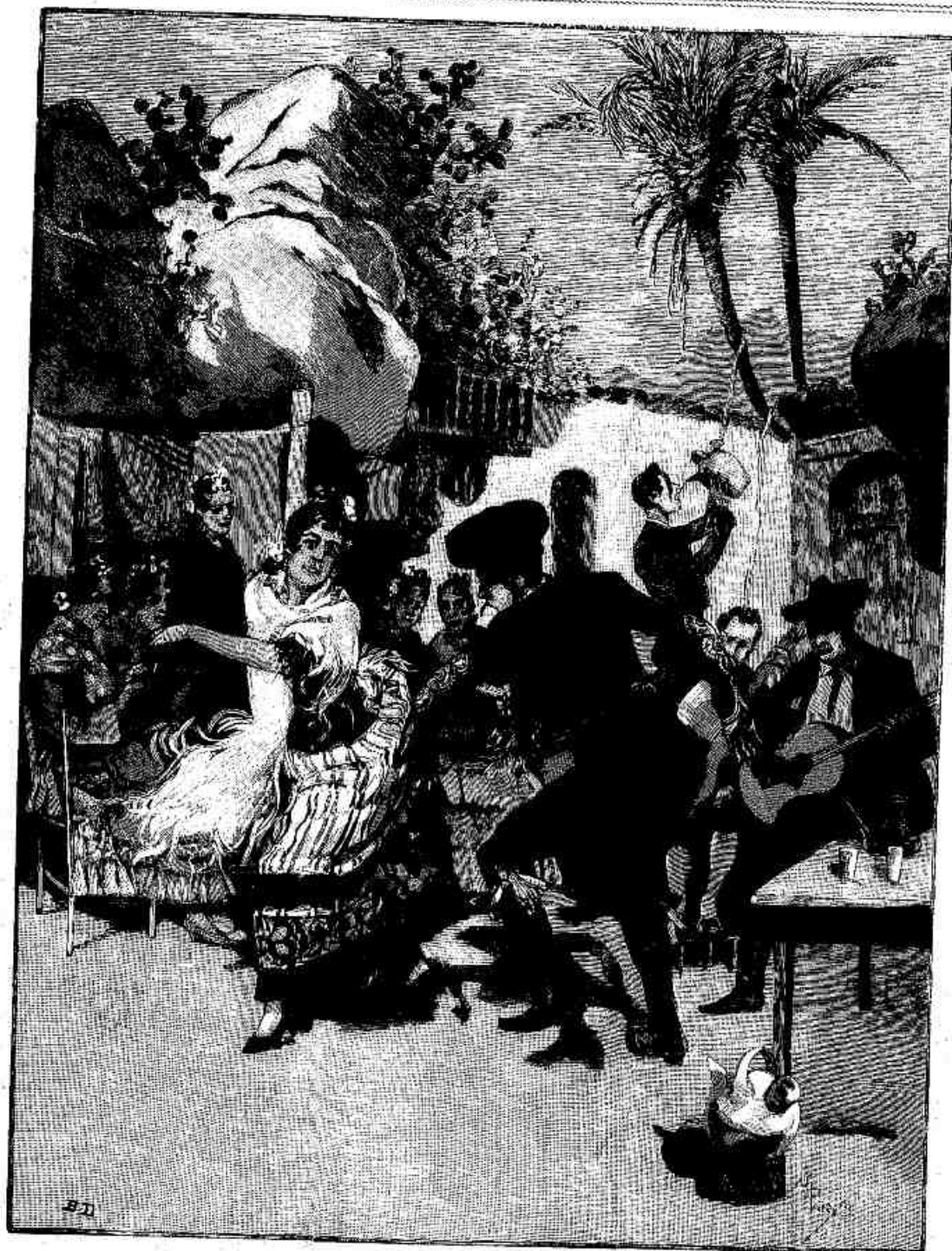
N.º 20. — VOLUME VI.

PARIS 20 D'OUTUBRO DE 1889.

Escriptorios : Paris, 13, Quai Voltaire.

SEXTO ANNO

AVISO. — ABRIR ESTE NUMERO COM MUITO CUIDADO, PARA NÃO CORTAR A GRAVURA CENTRAL



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS GITANAS DE GRANADA NO CAMPO DE MARTE. — UM TANGO.

Em consequência do muito espaço que hoje occupa a grande gravura das FESTAS COLONIAES, vemos-nos forçados a pôr de lado muitos artigos, entre outros a CHRONICA do nosso director Mariano Pina, e isto para não perder a sua actualidade a chronica parisiense do nosso illustre collaborador GIESS.

A TRAVÉZ DE PARIS

A distribuição das recompensas. — Um prodígio de mecânica. — Das vantagens de não jogar o xadrez. Muitos chamados e poucos eleitos. — A agonia d'uma Exposição. — A derrota da Boulanger. — Os verdadeiros vencidos. — As vibrações de Mounet-Sully. — As ondulações do actor X. — Uma triste noticia.

COM acompanhamento de fanfarras em cortadas de discursos, perpetrou-se ha dias a distribuição das recompensas aos expositores. Foi naturalmente o sr. Carnot, lúcido e lustoso como sempre, quem presidiu a esta solennidade grandiosa. O mechanismo engenhoso que dirige os pastos e os gestos do illustre Presidente da Republica funcionou admiravelmente durante toda a festa. O sr. Carnot entrou, cumprimentou, sentou-se, ergueu-se, cumprimentou e saiu, sem o mais pequeno accresce. O assombro foi geral quando o nobre chefe do Estado se levantou em meio do recolhimento unanime e pronunciou um discurso com voz clara e forte. Desde Vaucanson que se não vira nada semelhante. Parecia uma pessoa verdadeira!!

O discurso que a perfeitissima illusão presidencial articulou deante das 20000 pessoas maravilhadadas que o escutavam, foi um primor de bom senso e de cortezia. O sr. Carnot, com um dyaphragma vibrante da mais nobre commoção e um cylindro de cera impregnado da mais elevada philanthropia, discorreu durante meia hora — e sem se lhe notar o menor vislumbre d'esse accento nasal e polichinellico de que Edison ainda até hoje não pudera corrigir o seu maravilhoso instrumento — sobre os benefícios da paz e os frutos do trabalho. Estamos longe, como se vê, da ingenhosa formula *Papa, mama*, a que se reduzia outr'ora a eloquencia dos mais afamados autômatos. Negue-se depois d'isto o progresso das industrias modernas!

Apezar d'estas e outras experiencias em que o sr. Carnot tem dado os mesmos excellentes resultados, ainda ha espiritos azedos, fanaticos do passado, que se mostram rebeldes ao enthusiasmo e contestam o valor da maravilha. A um d'estes catturas incuráveis ouvi eu afirmar desenhosamente ha dias que o sr. Carnot nem sequer jogava o xadrez. A accusação é grave, pois que, segundo se sabe, Vaucanson em fins do seculo passado, construiu um jogador de xadrez que praticava o *cheque d'rainha* com uma desenvoltura verdadeiramente singular e que, tendo um dia, por um acaso sem precedentes, perdido uma partida com um adversario de carne e osso, se desarranjou por dentro de desgosto e por tal forma, que nunca mais foi possível concertar-o.

Não me consta que o sr. Carnot jogue effectivamente o xadrez; mas basta-me a circumstancia de elle se não achar exposto ao accidente de que foi victima o seu predecessor, para me explicar o motivo por que elle se não doio com semelhante prenda. Na previsão dos altos destinos que o aguardavam, o sr. Carnot premuniu-se com um mechanismo solido e robusto, que um despeito pueril nunca ha de perturbar e que promette para bem da França, longos annos de serviço irreprehensivel. Jogar o xadrez, é bom; mas functionar com segurança, é melhor. Ora, sob este ponto de vista, o sr. Carnot é absolutamente warranted.

Volto agora a distribuição de recompensas, cumpre dizer que ella deu lugar como na Biblia, a prontos e rangidos dos dentes. Os expositores eram sessenta mil. Metade apenas receberam premios, o que equivale a annunciar que houve trinta mil descontentes.

Este calculo é ainda modesto, porque entre os recompensados muitos ficaram desgostosos com o

grau da recompensa. Não havia inventor d'um saca-rolhas aperfeiçoado que não sonhasse desde a abertura da Exposição com o Grande Diploma de Honra. Ao vêr-se galardunado com uma medalha de bronze, esse homem de genio poz-se a ulular. Alguns d'estes talentos incompreendidos não se limitaram a manifestar o seu despeito pelos meios platonicos da imprecação em familia, e affixaram nas suas respectivas exposições taboletas com dizeres ultrajantes para os membros do jury. Mas logo sobre elle, desceu o corisco vingador da administração, anniquilando as taboletas e expulsando os descontentes. E logo se fez o silencio da resignação.

A Exposição está agora virtualmente terminada. A coroação dos trinta mil benemeritos foi o ultimo quadro d'esta grandiosa magica — a apothecose a fogo de Bengala como no *Excelsior*. Mais duas semanas de resplandecente agonia, o tempo de subir e descer o panno entre os applausos, e a hora fatal soará. O tempo de resto já nos está preparando para estes melancolicos funeraes. Um vento agreste e sibillante fustiga as riveiras meio despajadas. D'um céu de féturo alvado pingam sornamente aguaceiros glaciaes. O solo está juncado de folhas mortas. A bronchite e o coryza saem d'entre a bruma que ao pôr do sol se eleva da selva saturada de humidade, e insinuam-se como reptis coleantes por entre as pregas ridiculas dos pardessus de mode, pendentes como sacos e largos como sobrepelizes. A noite pelas avenidas, ha pouco regorgitantes de gente, pelas galerias onde mal se podia circular, são já raros os visitantes, e de dia mesmo na baixa dos tickets accusa a escassez da procura e a diminuição da concorrência.

A Exposição, filha do Sol e da Primavera, está morru!

Valerá ainda a pena fallar das eleições? O scrutinio de desempate obteve o mesmo successo de glacial indifferença que o scrutinio precedente. A não ser nas paredes onde até o ultimo instante os candidatos travaram desordens reahidas a golpes de cartazes multicolores, era impossivel notar-se durante o dia um vislumbre de animação extraordinaria fu se onde fosse. A noite, formavam-se na circulação dos boulevards alguns aneurismos que um cordão de agentes de policia ia tranquillamente laqueando, sem que nenhuma d'estas operações dêsse e logar ao mais insignificante incidente.

A derrota do boulangismo accentuou-se com os desastres de Turquet, de Vergoin, de Micheliu e sobretudo com o de Rochefort, para o que a victoria de uns doze ou quatorze correligionarios anonymos se affigura compensação muito insufficiente. A eleição de uma duzia de Nicots et d'Auboufs, profundamente obscuros e brotados de não sei que subcomdas revisionistas, está longe de equilibrar o effeito do cheque d'um só Andrieux, cuja fina e coitante palavra era uma das mais perigosas armas parlamentares do boulangismo. Este bom o sei, triumphou com Laguerre, e com Naquet, cuja bocca tantas vezes foi coçada pelo bravo general uns horas febris de expectativa ansiosa, mas que parece haver perdido as suas primas virtudes de fétiche. São dois bons cubos de guerra, mas sem soldados nem munhões. Que farão elles, contra a muralha viva dos 300 republicanos, que o odio a Boulanger reconcilia dos seus antagonismos e funde no mesmo bloco impenetravel e compacto?

E a bella barba-loira em que estárd meditando a estas horas? Não se lembrará ella das horas luminosas de outr'ora, em que, fresca e perfumada a cosmetico, fluctuava ao sabor da brisa que enfunava as pregas das bandeiras, e a luz do sol brincando nas arestas das bayonetas? Confessará d'esta vez a bella barba-loira que fez uma tolice irremediavel em trocar a presa pela sombra, e em aspirar a inacessiveis altitudes, ella que já tanto subira e que tão alto passava? E dados estes tristes e sombrios pensamentos, não se terá ella, a bella barba-loira, rapado a si propria de despeito e de desespero?

Não é da bella barba em que tenho mais pena a estas horas. De quem me compadeço é dos pobres diabos que haviam posto n'ella a sua esperança, e que por ella comprometteram o futuro e a vida. Militares hoje expulsos do exercito ou desterrados para guarnições longinquoas, pequenos empregados demittidos das administrações, ou reformados antes de tempo, com exiguos vencimentos, vós todos que hoje vos debateis na miseria e na angustia das existencias quebradas, é que me pareceis dignos de

dó, mas muito meos ainda, porque fostes imprudentes, do que as vossas mães, esposas, e filhas, que essas soffriam, sem haverem commettido nenhum crime, sem mesmo terem sido boulangistas!... O famoso dia 22 de setembro, que devia ser o das desforras e o das rasteijações, deixou todas as coisas no mesmo estado; e não é provavel que o caixa do *Intransigente* continue até ás proximas eleições a pagar os ordenados dos empregados demittidos por causa de Boulanger. E' pois para estes a miseria sem phrases, a carreira perdida, a vida despedaçada. Pobres diabos!...

Nos theatros, o mais absoluto *statu-quo*. Houve a reprise de *Theodora* por Sarah Bernhardt, mas uma reprise não é uma novidade. O tenor Cossira continua a enrouquecer no *Romeu* e o actor Mounet-Sully a vibrar no *Hamlet*. Recomendolhes este verbo. Está em moda agora, mas especialmente para Mounet-Sully, que tambem anda muito vibrante com os ensaios do *Mahomet*. Este actor passa a vida a vibrar. Quando elle vibra, a coisa vai bem. Os autores espiam ansiosos o momento solemne em que o phenomeno se produz. E pelos corredores, durante os ensaios, ouvem-se vozes afflictas de dramaturgos que chegam tarde, perguntando: « Elle já vibrou? »

Não tarda a apparecer por ahí o actor que ondula e a actriz irradiante. O tenor phosphorescente fica reservado para a critica do vigesimo seculo. Não lhes fallo da *Lucta pela Vida*, cuja primeira está imminente se não para lhes dar uma noticia bem triste. O author, Alphonse Daudet, o adoravel artista tão amado em Portugal, está gravissimamente doente. Sofre d'uma doença terrivel, o amolecimento de espinha, que lhe tortura o corpo, mas que lhe deixa intacta a intelligencia ou lh'a exacerba ao mais agudo grau. Sabem como este grande e superior espirito passa as horas da vida, tão radiantes out'ora, tão lobregas e sinistras hoje? Curvado sobre as paginas do seu block-notes, expandindo as sensações que a doença accorda nos seus nervos, a notando-as uma a uma, com a mais implacavel fidelidade. Debalde os amigos, debalde a sua extremosa e intelligentissima esposa procuram arrancar-o a esse trabalho dilacerante e distrahir-lhe o espirito para imagens mais risonhas e estudos menos dolorosos. O analysta cruel que vive dentro d'aquella fino e doentio organismo achou em si proprio um caso curioso, e não o quer perder. Contra todos os esforços, mau grado todos os pedidos, lá vai elle continuando hora por hora, quasi minuto por minuto, o processo verbal minucioso e dilacerante, da sua propria agonia!...

GIESS.

ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

A UNS OLHOS AZUES

*Cake a folha da rosa pudibunda,
Cake a rosa da face original,
Cake das nuvens a aguia moribunda,
Cake o sol na montanha occidental.*

*Cake a anda na praia, cake do somno
O poeta na luz; e cake das mãos
Dos despotas o sceptro, elles do throno,
Como a seus pés cahiram seus irmãos!*

*Cake dos labios o riso; cake dos olhos
A lagrima também, que d'alma sahe;
Cake a rocha no mar, cake nos abrolhos
A flor de lix; de louro a folha cae.*

*Cake do céu a centelha incendiaria,
A nuvem cake se um sopro Deus lhe dá,
Cake ante o dia a noite solitaria
Como o falso Dagon ante Jehovah.*

*Cake tudo, flôr! cake tudo; eu só não caio:
Mais que um rei, que o só! igual a Deus,
Cahir, mulher! só posso a luz d'um raio
Se elle cahir do céu dos olhos teus!*

JOÃO DE DEUS.

AOS NOSSOS LEITORES

AVISO IMPORTANTE

Continuamos a receber todos os dias de Portugal dezenas de bilhetes postais dos nossos estimáveis Assignantes e Compradores avulsos, pedindo-nos para que passemos a publicar a ILUSTRAÇÃO **trez vezes por mez**, em vez de duas vezes, como tem sido até hoje.

Não sabemos como agradecer a todos elles, não só a promptidão das suas adhesões, mas as palavras de elogio e de sympathia que nos dirigem, e que tanto nos tem penhorado e enchido de orgulho.

De todos os pontos de Portugal nos chegam adhesões entusiásticas, principalmente de muitas Senhoras, o que nos prova que a ILUSTRAÇÃO está sendo o jornal das famílias. Todos querem a nossa revista **trez vezes por mez**, para assim poder ser mais variada, e poder inaugurar nas suas paginas o **romance illustrado**.

E' por isso que pedimos encarecidamente a todos os nossos leitores de Portugal e do Brazil que ainda não puderam responder ao nosso convite, que n'um bilhete postal assim dirigido:

DIRECTOR DA ILUSTRAÇÃO

13, Quai Voltaire, 13

FRANCE

Paris.

nos digam se querem ou não, que a ILUSTRAÇÃO passe a publicar-se **trez vezes por mez**.

Não podemos fazer uma tão importante alteração, que nos obriga a maiores sacrificios para melhorar e desenvolver a nossa revista, sem termos em nosso poder a opinião de todos elles. Cada declaração deve trazer claramente escripto o nome e a morada de cada leitor.

Terminada esta consulta, e se a grande maioria dos leitores quizer a ILUSTRAÇÃO **trez vezes por mez**, — começaremos logo a publicação de magníficos romances modernos, primorosamente illustrados pelos primeiros artistas de Paris.

A ILUSTRAÇÃO ficará assim á altura das primeiras revistas da Europa, — mostrando ao publico de Portugal e do Brazil as ultimas novidades das Artes e das Lettras.

Tudo isto depende apenas da vontade dos nossos queridos Leitores.



AS NOSSAS GRAVURAS

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS GITANAS DE GRANADA

UMA das curiosidades da Exposição para todos os parisienses e para todos os visitantes do norte da Europa que tem desido até Paris, — é a dança das Gitanas no Grand Théâtre do Campo de Marte, companhia de gitanas capitaneadas pelo senhor Pepe, e que maravilha os apaixonados do pittoresco e de cor, com os seus lendangos e tangos, de movimentos e rythmos tão lascivos...

Esta raça mysteriosa, que em França é conhecida pelo nome de *bohémien*, na Alemanha de *tsiganes*, em Hespanha de *gitanos* e em Portugal de *ciganos*; que parece ser d'origem indica e vinda das margens do Sindy onde ainda se encontram tribus que tem o mesmo typo e falam a mesma lingua; esta raça mysteriosa trabalha e luta pela vida, com grande espanto do orgulhoso hespanhol que pensa que o homem só nasceu para descansar ou ir para a guerra,

Os ciganos, a quem na Idade-Média chamavam *egyptios*, — são na Alemanha os que têm no futuro; na Hungria são menestres ambulantes; na Russia carpinteiros e veterinários; em Hespanha e Portugal são estalajadeiros, ferreiros, cardadores e negociantes de gado. As raparigas, as *ciganas*, quando são bonitas, estacionam á tarde e á noite diante das portas de Granada e de Sevilha, e por algumas moedas da cobre entregam-se em plena rua, com toda a liberdade, á suas danças sensuaes.

E' este espectáculo d'uma companhia de *ciganas* com os seus chales de cores vivas, flores nos cabellos, um grande peito de tartaruga em forma de leque cravado na nuca, tocando pandeiretas e castanholas, cantando e batendo com as mãos, que constituo no Campo de Marte um dos espectáculos mais apreciados dos povos do norte, principalmente dos francezes e dos inglezes.

O nosso distincto collaborador Parys achou a scena digna de figurar n'uma gravura, — e hoje offerecemos-a aos leitores da ILUSTRAÇÃO, para que vejam que successo tem tido em Paris, em plena Exposição, tudo quanto tem sido uma amostra fiel do pittoresco e do caracter de cada paiz.

A Hespanha com as suas *gitanas*; a Roumania com os seus musicos populares; o Oriente com as suas *almes*; sem fallar das colonias francezas; tudo tem obtido o mesmo successo de curiosidade e de estudo, como a galeria das machinas ou a torre Eiffel.

A DISTRIBUIÇÃO SOLEMNE DAS RECOMPENSAS

A nossa gravura representa a distribuição solemne das recompensas aos expositores do Campo de Marte, que se realizou no domingo 29 de setembro ultimo na nave principal do Palacio d'Industria dos Campos Elizeos — d'este palacio que ha pouco mais de trinta annos era espaço bastante para conter uma exposição universal, e que hoje é pequeno para conter apenas a multidão dos expositores e jurados de 1889 presentes em Paris...

Em face da entrada principal via-se o estrado presidencial. Na sala estavam os jurados, commissarios francezes e estrangeiros, congressistas, deputados, senadores, academicos, principaes expositores de cada paiz, conselheiros municipaes, delegações do exercito, da marinha, das escolas, da academia de medicina, do conselho d'Estado, etc., etc., — formando um curioso e imponente conjunto de casacas pretas, de casacas bordadas, d'uniformes e de condecorações. Na sala, á direita do estrado presidencial, onde o sr. Carnot se achava, tendo aos seus lados os presidentes das duas camaras, o ministerio e o corpo diplomatico, — havia a orchestra, em que os musicos e os côros faziam um total de oito centos executantes, sob a direcção de M. Jules Garcin, regente da orchestra do Conservatorio de Paris.

A cerimonia começou ás 3 horas da tarde por um formidavel toque do clarin que retenu em toda a nave; em seguida ergueu-se o panno do theatro que ficava á direita do sr. Carnot e que constitua o fundo da grande nave. Sobre o immenso palco d'uma decoração admiravel, a mesma que havia servido para a execução da *Ode triumphal*, viam-se agrupados os guardas das classes, segurando em bandeiras tricolores. A maior parte do pessoal exotico da secção colonial, cujos typos se vêem hoje na nossa grande gravura, estava aggrupada ao fundo.

Um soberbo cortejo composto de todas as commissões estrangeiras pôz-se então em marcha, descedo lentamente pelas vastas escaadeiras que se vêem ao fundo, na nossa gravura, e que conduzem ao primeiro andar do Palacio d'Industria. Durante o desfile, a orchestra tocou a marcha do *Hamlet* e os côros cantaram a apothose da *Symphonie triomphale* de Berlioz.

Vinham na frente quatro *huissiers* da cidade de Paris. Caminhavam em seguida, por ordem alphabetica, os commissarios estrangeiros, trazendo desenrolada a bandeira de cada paiz.

Ao passar diante do Presidente da Republica franceza, as bandeiras inclinavam-se, e o presidente respondia com um gesto e com um curvar de cabeça.

Desfilaram umas após outras as commissões da Republica argentina, da Austria-Hungria, da Belgica, Bolivia, Brazil, Dinamarca, Republica dominicana, Columbia, China, Grecia, Grã-Bretanha, Estados-Unidos, Hespanha, Equador, Egypto, Guatemala, Haiti, Italia, Japão, Nicaragua, Noruega,

Hollanda, Persia, Portugal Roumania, Russia, etc. Portugal era representado pelos srs. — Conselheiro Marianno Cyrillo de Carvalho, presidente da Commissão; Gerardo Augusto Pery, thesoureiro; Mariano Pina, secretario; Visconde d'Azevedo Ferreira; Outeiro Ribeiro (Associação Commercial do Porto); e Visconde de Melicio, Mendes Guerreiro, Pereira Armado e Ricardo Lourel (Associação Industrial de Lisboa).

Terminado o desfile do cortejo, os commissarios estrangeiros tomaram assento em cadeiras que lhes estavam reservadas, em frente do estrado presidencial, e o sr. Carnot pronunciou o seu discurso de felicitações aos expositores e organisadores francezes da Exposição, e de felicitações e agradecimentos aos commissarios e expositores estrangeiros. E concluiu dizendo que — a Exposição de 1889 terá servido a grande causa da paz e da humanidade.

Depois pronunciou o seu discurso o sr. Tizard, presidente do conselho, ministro do Comercio e da Industria, em nome do governo e como Commissario geral da Exposição. A seguinte estatística é extrahida do seu discurso:

O numero dos expositores é superior a 60.000. Os juries de grupos indicaram 32.468 recompensas. O jury superior, attendendo a 671 reclamações, elevou o numero das recompensas a francezes e estrangeiros a 33.139, que se dividem do seguinte modo:

Grandes Premios.	903
Medalhas d'ouro.	5.153
— de prata.	9.670
— de bronze.	9.323
Mencões honrosas.	8.070

Além d'isto, foram conferidos 5.500 diplomas de divorsas categorias a um numero igual de collaboradores.

E' impossivel dar-lhes a lista de todos os expositores portuguezes e brasileiros que foram premiados em Paris. Mas tanto Portugal como o Brazil obtiveram as mais notaveis distincções, — á excepção de muitos expositores industriaes portuguezes sacrificados á incompetencia ou á incuria de varios srs. jurados escolhidos pela Associação Industrial de Lisboa, de que é presidente o sr. visconde de Melicio — *aristocrate double de journaliste*! (Vid. *Guide bleu* do Figaro).

Assim por exemplo, a fabrica de Fiação das Caldas da Rainha mereceu de todos os jurados da sua classe uma classificação de 20 valores. Ora 20 valores votados por unanimidade davam direito a *Grand Prix*, como aconteceu com o azeite do expositor portuguez sr. Galache.

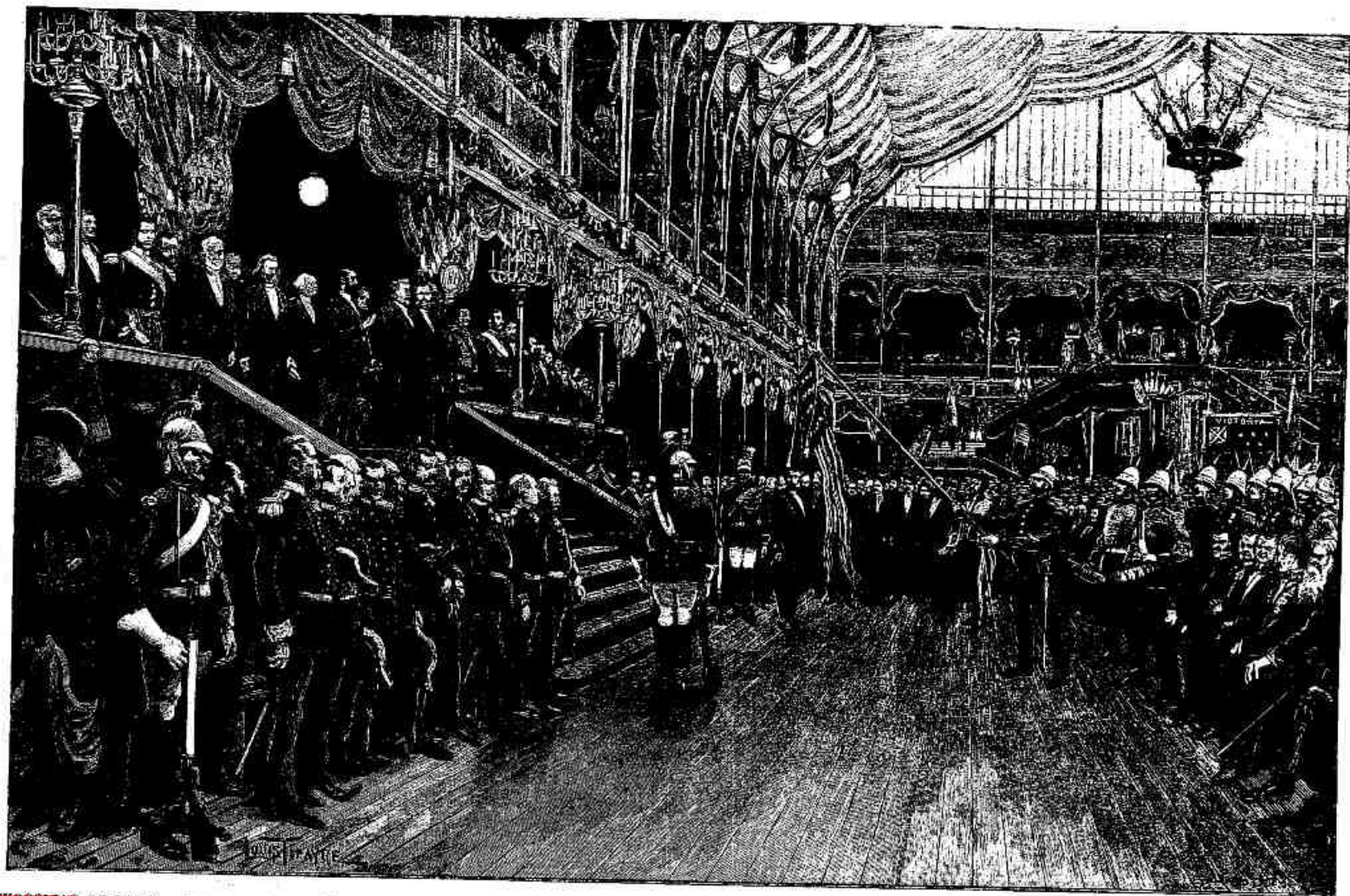
Mas como o director artistico d'essa fabrica se chama Rafael Bordallo Pinheiro; como o jurado portuguez ao lado dos jurados ceramistas estrangeiros se chama sr. Jeronymo Silva, vulgo Silva Industrias; e como o sr. Silva Industrias é o braço direito do sr. Visconde de Melicio; e como o sr. Visconde de Melicio foi caricaturado como todos sabem por Bordallo Pinheiro, — a fabrica das Caldas foi tratada de resto e só teve o que não merecia a menor discussão... a *medalha d'ouro*!

Um importante expositor de livros portuguezes era a casa Lagan et Geniloux do Porto, successora de Charlier. Todos conhecem em Portugal as suas magnificas edições de romances, de poesias, de livros d'historia, de livros de critica, — todos de auctores portuguezes. A casa Charlier tem sido uma verdadeira protectora das lettras patrias. E agora mesmo o está provando, fazendo enormes sacrificios para educar o publico para uma revista, á altura das revistas estrangeiras — a *Revista de Portugal*, dirigida por Eça de Queiroz.

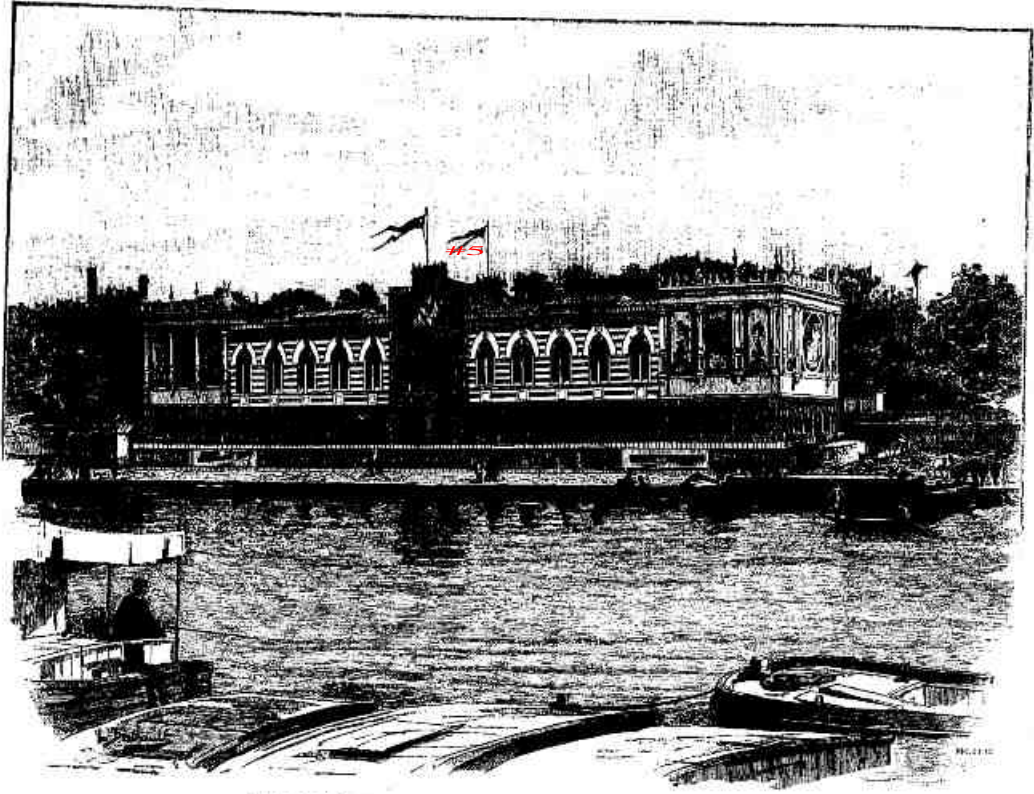
Pois a casa Lagan et Geniloux, antiga casa Charlier, que em todas as exposições tem obtido as primeiras recompensas — graças ao carinho com que o sr. Visconde de Melicio se occupou dos interesses dos nossos industriaes, si obteve... uma, triste medalha de bronze!

Isto passou-se com a importante fabrica das Caldas, e com a importante casa-editora do Porto... Pela amostra que aqui deixamos, já os industriaes portuguezes podem ver de que lhes serve ter Melicio por presidente! Enquanto que Melicio se vai fingindo protector d'industrias e d'industrias, para se dar ares d'homem importante, e ter garantida a sua cadeira na camara dos pares.

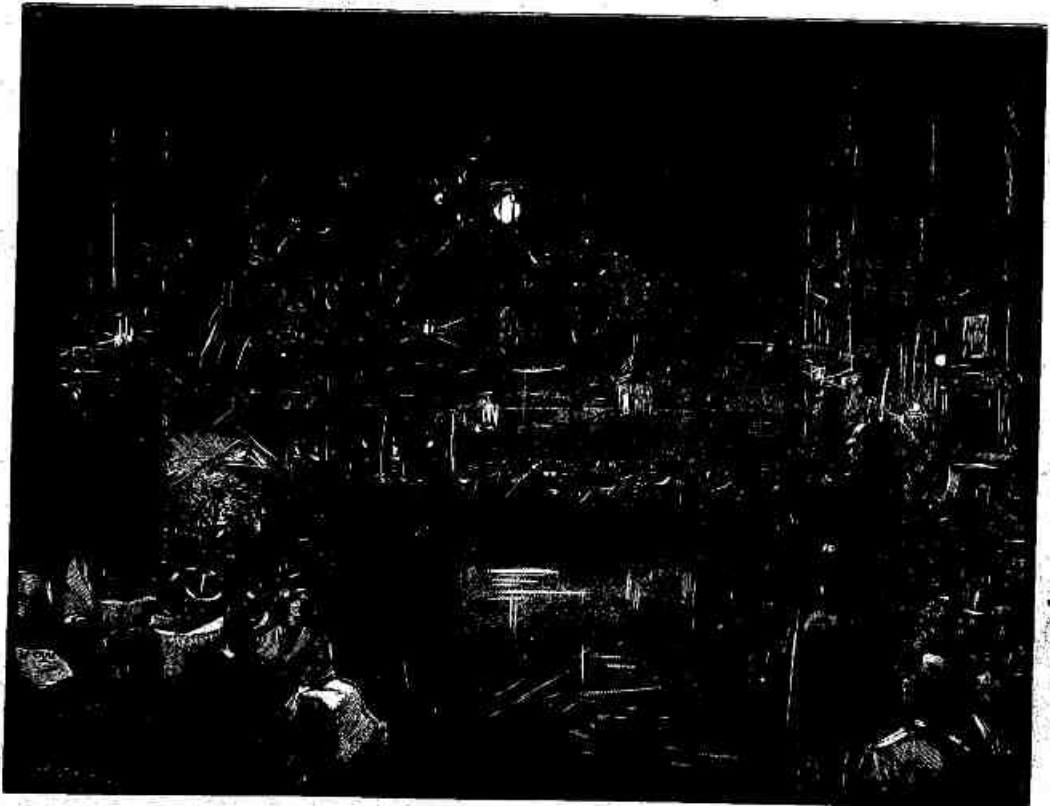
E é assim que elle se faz temido de todos os ministros... Que Melicio! que visconde! e que dentista!



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — A FESTA DA DISTRIBUIÇÃO SOBRE O DAS RECOMPENSAS, NO DIA 19 DE SETEMBRO NO PALÁCIO DA INDÚSTRIA. — AS COMISSÕES ESTRANGEIRAS DESFILANDO DIANTE DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — O pavilhão hispanhol, no CAEN D'ORSAY.



AS ELEIÇÕES EM FRANÇA. — PARIS. — ASPECTO DO BOULEVARD DOS ITALIANOS NA NOITE DE 6 DE OUTUBRO.

AS FESTAS COLONIAES

Mas fallemos da grande gravura que occupa hoje o centro da nossa illustração, e que é igual em importância e valor artistico á que publicamos em tempos representando uma *Visita geral da Exposição de Paris*, e depois outra representando todos os aspectos da *Exposição Colonial da Esplanada dos Invalides*.

Pudimos licenciar para lembrar aos nossos leitores que a illustração, apesar do preço exorbitante que atingiu o trabalho da gravura durante todo este anno; apesar da dificuldade que havia em obter desenhadores e em obter a compra ou a locação de gravuras, que eram disputadas a peso de ouro pelos jornais illustrados d'Inglaterra e da America do Norte — nunca ousou pedir nem mais um real por cada numero, nem aos seus estimaveis assignantes, nem aos compradores avulsos. O mesmo não fizeram collegas nossos de Londres e de Vienna d'Austria, que venderam pelo dobro os seus numeros avulsos, e augmentaram a assignatura n'este anno excepcional de despesas por causa da Exposição.

Nós preferíamos fazer todos estes sacrificios para bem merecer a estima e a sympathia dos nossos leitores, e não abusar da justa curiosidade do publico. Pareceu-nos isto mais correcto, — e não nos arrependemos de o ter feito, porque hoje contamos com a confiança de todos quantos assignam a nossa Revista, e que estão decididos a não nos abandonar para que a illustração venha a ser o jornal por excellencia das familias portuguezas e brasileiras, mostrando-lhes pela gravura e narrando-lhes com a pena, tudo quanto se passa pelo mundo.

E quando chegam as series d'inverno, cada novo numero da illustração é acolhido com interesse, como um amigo de todas as casas, levando as ultimas novidades das artes e das letras, e uma vaga scintillação d'esta capital do mundo civilisado, que se chama — *Paris*.

Mes voltemos á nossa gravura. Representa a cavalgada colonial, o famoso cortejo das colonias, que todas as semanas o visitante admira na Esplanada dos Invalides.

Todas as semanas, duas vezes por semana, o cortejo se forma no extremo da rua principal dos Invalides, toda bordada de pagodes e construcções do Oriente e extremo Oriente. Ao som do tam-tam, vão apparecendo todos os exóticos que vieram a Paris, com os seus typos e costumes pittorescos. Cada grupo toma o lugar que lhe compete. E o cortejo colonial põe-se em marcha, percorrendo toda a Esplanada, ao som de musicas extravagantes, — deixando pasmados ou deslumbrados os confusos europeus ali reunidos, e que formam alas, olhando com respeito para aquelles typos de todas as raças.

A nossa gravura representa o cortejo colonial tal qual elle é, quando está em movimento.

E mais uma pagina, um *souvenir*, d'esta grande Exposição que vai fechar d'aqui a dias, dispersando-se as maravilhas ali contidas por todos os cantos do globo.

E aquelles dos nossos leitores que não lograram a ventura de vir a Paris, podem estar certos que a illustração ainda lhes ha de mostrar muita maravilha d'estegrande certumna internacional.

São innumeráveis as gravuras que ainda temos por publicar, — e que não temos publicado por falta de espaço. Ainda temos, pois, com que entreter a curiosidade do publico durante alguns mezes.

De resto, a memoria d'esta Exposição não se apagará tão depressa. As gravuras que fomos publicando pelo inverno adiante, ainda serão uma viva e sympathica actualidade.

O PAVILHÃO HESPAÑHOL

No mesmo caos d'Orsay, sobre o Sona, onde Portugal collocou o seu pavilhão, — a nossa vizinha Hespanha mandou construir o seu, do qual damos hoje uma inte-essante gravura.

A fachada pode dizer-se que é mourisca. Nas paredes, onde se abrem janelas reticuladas que lembram gelosias da Alhambra, vêem-se largos escudos com a aquila de Carlos Quinto, o sceptro na garça, a coroa na cabeça e as praias orladas, ao lado das armas da casa de Bourbon, com as flores do liz de França, as cadeias de Navarra, as torres d'Aragão, e o leão de Castella.

O interior d'este vasto pavilhão, cuja consructão é devida ao notavel architecto hespanhol sen. Melida, lembra os velhos e sombrios palacios da no-

brega castelhana, meio mesquites, meio conventos, e acima de tudo castellos fortes, habitados pelos senhores-bandidos do tempo de Carlos V: — pequenas vidros encaixilhados em chumbo, abobadas sombrias, antigos frescos, pesadas columnas, alguns retratos d'intepassados, e um velho *hidalgó* para nos explicar a historia. E assim nos julgamos transportados a uma decoraçáo d'um acto do *Don Quixote*.

Mas em vez da heraldisca decoraçáo que nos suggero o aspecto exterior do edificio, deparamos com vitrinas cheias de productos alimenticios e de garrafas de vinho: Alicante, Malvazia, Xeres, Manzanilla...

San pascé, et des meilleurs!...

A Hespanha, que é a nossa grande rival em vinhos nosmercados de França, não foi tão feliz, apesar da sua tradiçáo e dos seus artistas, na installação do seu pavilhão, como foi Portugal.

A commissão hespanhola, ou não teve tempo, ou não soube servir-se dos recursos de pittoresco do seu país, para dar ao seu pavilhão o realce d'originalidade e de caracter que deu ao pavilhão portuguez, o grande talento de Bordallo Pinheiro.

E Portugal por mais que fizer, nunca será prodigo em applausos para com o artista illustre que soube erguer tão alto o bom nome do seu país.

O que desconsola é ver ainda colher honras quem — como o sr. Visconde de Melcio — já compromettendo, sacrificando e desacreditando a nossa representaçáo em Paris; quem, como elle, tão ridiculamente defendeu os interesses dos industriais portuguezes, junto dos jurys internacionais da exposiçáo.

E enquanto Bordallo Pinheiro passa ignorado do mundo official de Paris, — o inutil sr. Visconde de Melcio é feito commendador da Legião d'Honra... Isto é: o governo francez faz ao mesmo tempo commendadores da Legião d'Honra, o sr. Visconde de Melcio — e Edison!

Helicamente que acima de todas estas coisas humanas, plana uma coisa chamada *Philosophia*, que nos ensina a bem estudar os homens, para d'elles fugirmos cada vez mais, devendo nós viver da propria satisação dos nossos actos, e procurando apenas amar a nossa patria — sem nos importarmos com os Melcios que a infestam!

Diz o proxetio arabe: — « Os cães ladram, mas a caravana passa. » O que traduzido em portuguez quer dizer: — « Os Melcios enchem todos as estradas, mas o homem de talento ha de passar!... »

AS ELEIÇÕES EM FRANÇA

Por mais que se faça, é impossivel fugir á politica! A politica é como o cholera no Egypto, ou como a febre amarella no Brazil. Quem poderá dizer que ha de escapar a qualquer d'esses flagellos?... Quem poderá jurar que nunca fallará em politica?

Fazem-se d'esses juramentos todos os dias. Tambem a illustração os faz. Mas do repente apparecem eleições tão falladas e tão discutidas como as do dia 23 de setembro e 6 do outubro em França, — e não ha outro remedio senão quebrar o juramento, escrever sobre politica, e publicar gravuras sobre politica!

Os leitores sabem perfeitamente de que se trata e não precisam de mais largas explicações.

As eleições francezas de 23 de setembro, eram o grande combate decisivo da Republica contra os partidos conservadores, e contra o novo partido o *boulangismo*, que os republicanos do poder affirmam ser um partido não republicano, mas *cezarista*.

O partido republicano affirmava que a Republica sahia vitoriosa da lucta. Os partidos conservadores guardavam aproximadamente as mesmas posições na Camera.

Mas quem perdeu terreno foi o partido *radical*, dando lugar á formação d'um nucleo de deputados *boulangistas*, que vão formar um grupo perturbador na Camera franceza.

O general Boulanger ou o *boulangismo* podem ter perdido d'importancia; mas o que é inevitavel é que se formou um partido definitivo, que vai entrar turbulentamente em campanha, proporcionando-nos curiosas sessões parlamentares.

A nossa gravura representa o aspecto do boulevard Italiano, em Paris, ás onze horas da noite de 6 de outubro, quando a multidão procurava saber o resultado das eleições de desempate.

Houve gritos, tumultos, campos de cavallaria, vias e a Boulanger, morras! a Boulanger... Os ju-

riças eram disputados com furia. Mas no dia seguinte Paris voltava á sua tranquillidade e á sua alegria habituaes, — e os visitantes estrangeiros continuavam no Campo de Marte admirando tranquillamente as maravilhas da Exposição.

TSARINE PÓ DE ARROZ RUSSO
Alimento, nutritivo, leve
Preparado na Rua Vitoria, 20, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º, 13º, 14º, 15º, 16º, 17º, 18º, 19º, 20º, 21º, 22º, 23º, 24º, 25º, 26º, 27º, 28º, 29º, 30º, 31º, 32º, 33º, 34º, 35º, 36º, 37º, 38º, 39º, 40º, 41º, 42º, 43º, 44º, 45º, 46º, 47º, 48º, 49º, 50º, 51º, 52º, 53º, 54º, 55º, 56º, 57º, 58º, 59º, 60º, 61º, 62º, 63º, 64º, 65º, 66º, 67º, 68º, 69º, 70º, 71º, 72º, 73º, 74º, 75º, 76º, 77º, 78º, 79º, 80º, 81º, 82º, 83º, 84º, 85º, 86º, 87º, 88º, 89º, 90º, 91º, 92º, 93º, 94º, 95º, 96º, 97º, 98º, 99º, 100º

A REVISTA DAS REVISTAS

CONVENIO LITTERARIO
ENTRE PORTUGAL E O BRAZIL

CAUSOU a mais agravavel impressáo em toda a imprensa portugueza a noticia deque illustre e importante portuguez, sr. *Conselheiro Nogueira Soares*, conseguia assignar um tratado com o Brazil, para garantir no imperio os direitos dos auctores portuguezes.

Não é aqui o lugar para nos espraarmos em considerações d'este importantissimo assumpto, do qual dependia uma boa parte da fortuna dos nossos escriptores. Limitamo-nos a transcrever as considerações que este facto suggera a alguns dos nossos collegas de Portugal.

Escrevem as *Novidades* de Lisboa:

Para se calcular o alcance da convenção, que no dia 6 de corrente, — depois dos constantes esforços e do numero afrouxado pelo dr. ministro dos negocios estrangeiros — foi assignada pelo nosso representante sr. *Conselheiro Nogueira Soares* — sabemos o quanto comparativo entre a situação em que se agora estavam os escriptores — artistas portuguezes e a que elles estavam de hoje para o futuro, esse convenio é *heroico*.

Até aqui o escriptor portuguez, que tivesse o seu nome feito e affirmado, tinha o seu trabalho e suas obras impressas, e não começava apenas a dar os primeiros passos nessa vida, ao mesmo tempo enconrista e amarga — nunca podia contar com o successo como fonte de receita de condições materiaes regulares.

Era preciso que o seu amor pelo trabalho e pela sua arte fosse verdadeiramente heroico para proseguir. E isto porquê?

Porque o editor, pelo seu lado — sem ser, na maioria dos casos, esse terrivel monstro de ouvidos surdos e de olhos fechados para todas as honras e brilhantes paginas que os pobres auctores lhe apresentassem — também se via a brueas com as maiores difficuldades para a venda das obras do que tomava como, para o desenvolvimento do seu commercio, que lhe era hostilizado pelas reproduções feitas sobre um ou dois exemplares d'aquelles enviados, por toda a ordem de contravenções praticadas por editores melhos escrupulosos do Brazil.

Estes factos eram duplamente nocivos: por causa d'aquellas reproduções, e em vista das que fazia lá qualquer casa editora, apenas via expulsa a primeira forma de exemplares editados em Portugal.

Podia, assim, considerarse fechado para nós o mercado litterario mais importante, e a extensão e população d'este imperio, que falta a nossa lingua.

E devia, assim, julgar-se impossivel toda a especie de contracto ao mesmo tempo razoavelmente útil para o auctor e para o editor.

De hoje para o futuro — a situação é totalmente diversa. Salvaguardados os direitos dos auctores e editores portuguezes do largo mercado d'este grande e sympathico país, nosso irmão pela lingua, collocados todos as garantias na treza dos prospectos litterarios, que um e outro negocio tem com entusiasmo e interesse — já os auctores podem obter condições honrificas que os animam para o trabalho, e que os tiram da situação, quasi ridicula á força de fatalmente resignada em que até aqui viviam.

Sobre o mesmo assumpto escreve o *Diário*, o jornal de Lisboa tão superiormente redigido por Antonio Ennes, um auctor dramatico que tanto soffreu com a falta da propriedade litteraria no Brazil:

Livro ou drama de auctor portuguez, de mérito ou de estylo, eram immediatamente reproduzidos e representados no Brazil com prejuizo dos auctores e dos editores de Portugal. E o roubo estava tão bem organizado, a especulação dava tais lucros, que chegavam para se alcançarem exemplares e copias em Lisboa antes da publicação da obra, da maneira que, quando a edição do livro ou o manuscrito da peça dramatica chegava ao Brazil, já o mercado estava inundado de livros de edição ginebraseza e no theatro já a peça contava dezenas de representações.

Entre outros, podem servir de exemplo para esta parte de salustação: *D. Jovão*, de Theophila Ribeiro, e o *Salimbanco*, de Antonio Ennes.

Não eram os livros de simples litteratura, tais como os de João de Lemos, Mercúrio, Garrett, Theophila Ribeiro, João de Deus, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, que eram ali reproduzidos e vendidos por dezenas de milhares; grande e escandalosa especulação se fazia com os livros esculares, e principalmente com as grammaticas dos nossos melhores auctores.

No theatro, a rapina tomava proporções enormes. Se os empresarios tivessem pago ao sr. Pinheiro Chagas

IMPORTATO:
41, Rue des Francs-Bourgeois, Paris



KIBUROS E GUARDAS DO SENSAI.

O BOO E O SEU GUARDA.

DESTILACIA DO ARRAPIRES I O TAE-PAH.

O GONGU.

TAMBORA.

2-7

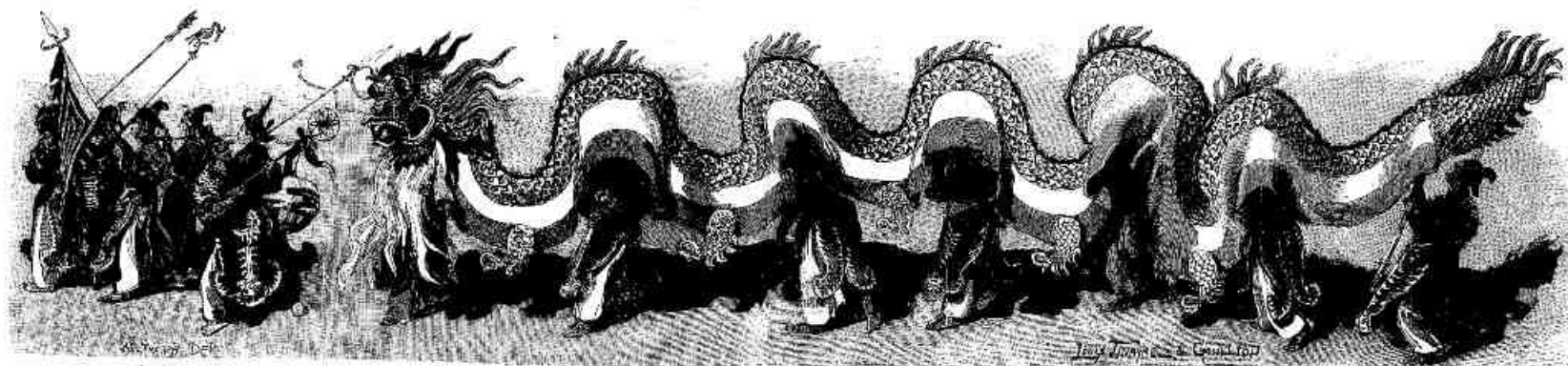


FUZA-BAMBAKKE E POZZA-CANTARIN.

REGENTE E MURDO.

POZZA-VENTAGOL.

O DALASQUA.



OS MURDO DE
A SOLA.

O DRAGÃO.

JOÃO J. J. & C. L.

A ILLUSTRACÃO

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. - AS FESTAS COLONIAES NA ESPLANADA DOS INVALIDOS



CAVALHEIROS TUNISINOS E CONGOLEZES

ANGLOINOS

TURCOS

ARMENIOS

PORTO-RIQUEZES

GUERTELOS



A NUBIA ARMENIA

DEBILIDADE DOS ACTORES ARMENIOS

CONCEIÇÃO TUPINCO E ARGENTINO

MULHERES DO SENEGAL

MULHERES DA NUBIA-CALDONIA



AS JAVANESAS

MULHERES JAVANESAS

CARACOLAS

GUERTELOS EM COSTUME DE GUERRA

MULHERES DO CONGO

PARTIS

CARACOLAS

CONGO